

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMINISTA NEGRA: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS

Cláudia Pons Cardoso¹

Resumo: Este artigo, construído a partir de entrevistas com mulheres negras brasileiras, tem por objetivo apresentar os elementos acionados nos processos de construção de identidade feminista negra por ativistas autoidentificadas feministas.

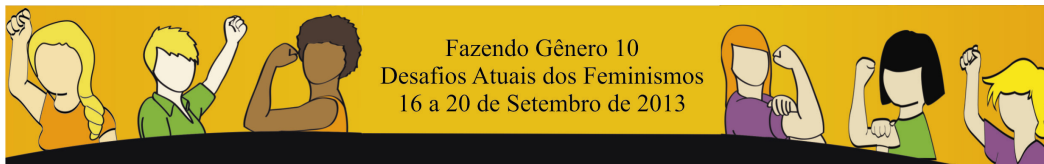
Em que pese a incidência nas trajetórias individuais de vários fatores definidores para a construção de si mesmas como sujeitos políticos, as entrevistadas trazem as experiências com desafios comuns impostos às mulheres negras como fundamentais para a identificação com o feminismo. A caminhada em direção à tomada de consciência da opressão de gênero foi promovida pela compreensão do racismo e da discriminação racial como determinantes para a exclusão das mulheres negras, pela participação nos movimentos de mulheres negras e pelo embate político com o feminismo hegemônico, do qual são críticas. Críticas que remontam aos anos de 1980 e se voltam para a inadequação de certo feminismo manifesto no país, que toma como princípio as experiências das mulheres brancas e de classe média, desconsiderando outros marcadores de exclusão como raça e classe. Nesse sentido, as feministas negras empreenderam a racialização de gênero entre os movimentos de mulheres.

Palavras-chave: Mulheres negras. Identidade feminista negra. Feminismo negro.

O movimento de mulheres negras na contemporaneidade surgiu como resposta ao avanço histórico do racismo, do sexismo, das desigualdades de classe e da heteronormatividade e representa o lugar político construído pelas mulheres negras na sociedade para lutar pela implantação do seu projeto de justiça social. É um movimento plural e heterogêneo, formado por mulheres abrigadas em diferentes frentes de luta para promover o empoderamento das mulheres negras na sociedade brasileira. A categoria ‘movimento de mulheres negras’ abriga uma identidade política fortemente construída pelas ativistas negras a partir da reivindicação de um passado histórico de luta em comum e da compreensão, como afirma Jurema Werneck, de que “o enfrentamento ao racismo é fundamental e prioritário”, pois se constitui no “principal fator de produção de desigualdades seja entre mulheres e homens, seja entre mulheres” (2007, p. 1). Desigualdades reforçadas pelo sexismo e pela heteronormatividade.

Muitas das ativistas negras que dão forma ao movimento de mulheres negras são feministas. Diante desta assertiva, pode-se levantar algumas questões: De que feminismo falam as feministas

¹ Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia/UNEB, Salvador, Brasil.



negras? O adjetivo *negra* qualifica, exclusivamente, a raça/etnia das mulheres? Ou delimita também uma concepção feminista?

Compreendo que a adjetivação demarca muito menos a cor das mulheres negras feministas e mais uma concepção política, uma forma de ver e interpretar o mundo, intervir e produzir conhecimento, como pretendo mostrar. Neste caso, na condição de ponto de vista/visão de mundo pode também ser compartilhado por mulheres não negras. Estas são questões que serão, aqui, abordadas, mediante a apresentação de reflexões de ativistas negras feministas².

Para a elaboração deste artigo, recorro como orientação metodológica à história oral a partir de uma concepção epistemológica da produção historiográfica africana sobre tradição oral. A narrativa oral, nesta acepção, conforme Jan Vansina (1982), é deslocada do lugar da ausência da escrita, da negação de habilidade, de complemento ao texto escrito e adquire a centralidade, no fazer histórico.

Como afirmam Verena Alberti e Amílcar Pereira (2007), a história oral permite o estudo das formas como os sujeitos vivenciaram experiências, incluindo os momentos de aprendizado e de estratégia. Nesse sentido, no contexto do presente artigo, dada a limitação de espaço, me atenho apenas a alguns depoimentos, obtidos através de entrevistas, com o objetivo de mostrar as experiências destacadas pelas ativistas que contribuíram para a construção em suas trajetórias de uma identidade feminista negra.

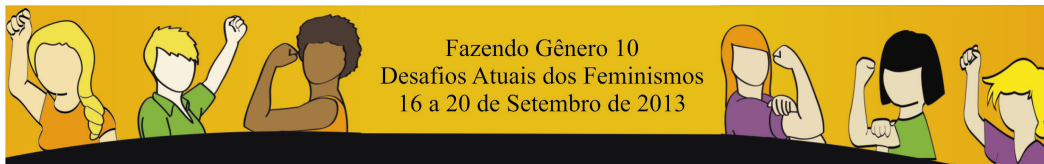
A caminhada das mulheres negras em direção à tomada de consciência da opressão de gênero é longa. Foi promovida pela compreensão do racismo e da discriminação racial como determinantes para a exclusão das mulheres negras, pela participação nos movimentos de mulheres negras e pelo embate político com o feminismo hegemônico, do qual são críticas.

Feminismo hegemônico

Feministas críticas ao feminismo hegemônico têm buscado valorizar as experiências de mulheres que, por desconhecerem o manejo da escrita e da erudição, não deixaram registros escritos sobre suas ações, de modo que suas vozes e protagonismo estão silenciados assim como outras ações de enfrentamento ao sexismo continuam invisibilizadas³. Isso porque quando a luta contra a

² Este artigo constitui parte de minha tese de doutoramento, *Outras Falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras*, defendida na Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, em 2012. Orientadora Professora Dra. Cecília Sardenberg.

³ Sobre feminismo hegemônico: bell hooks (1984), Valerie Amos e Pratibha Parmar (1984), Gloria Anzaldúa (1981), Patricia Hill Collins (2000), Chandra Mohanty (2008), Gayatri Spivak (2010).



opressão sexista é pensada como caminho de mão única, onde somente as experiências de algumas mulheres são tomadas como referência, o lugar ocupado pelas mulheres negras, indígenas e brancas pobres fica subsumido na história única do feminismo hegemônico. Por conseguinte, as experiências de resistência às múltiplas formas de violência, que acompanham as opressões que recaem sobre diferentes mulheres e, principalmente, outras vertentes de feminismos são ignoradas e desvalorizadas.

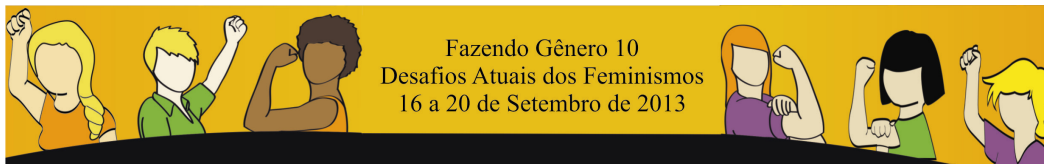
No Brasil, diferentemente de outros países, o debate sobre feminismos e, principalmente, as críticas ao feminismo hegemônico pouco têm ocupado o cenário das pesquisas acadêmicas. Embora circule, entre os diferentes espaços de mobilização política de mulheres, um sentimento de estranhamento com um feminismo identificado com uma agenda política e um legado histórico que pouco tem nos dito, já que a contribuição das mulheres negras na luta contra as relações patriarcais tem sido omitida.

Lélia Gonzalez (1988), ativista e intelectual negra brasileira, no texto “Por um feminismo afrolatinoamericano”, aborda mais detalhadamente esse ‘estranhamento’. A autora tece duras críticas à invisibilidade de *raça* na maioria dos estudos feministas latino-americanos, com destaque para o Brasil, considerando a forte presença negra e indígena em nosso país. Dizendo que “o feminismo latino-americano perde muito de sua força ao fazer abstração de um dado da realidade da maior importância: o caráter multirracial e pluricultural das sociedades da região” (1988, p. 135), defende a perspectiva antirracismo como elemento intrínseco aos princípios feministas, pois, se o sexismo, o racismo e o classismo colocam as mulheres negras no mais baixo nível de opressão, nenhum movimento de mulheres pode ser considerado realmente feminista se não tiver por premissa o enfrentamento destas estruturas.

Muitas das considerações da autora, ainda hoje, integram os debates de mulheres latino-americanas e caribenhas que têm como proposta pensar o feminismo desde o Sul⁴, um feminismo descolonizado que atenda e inclua as mulheres que estão atuando nas margens do “sistema capitalista moderno colonial”, como ressalta María Lugones (2008), com o intuito de construir modelos alternativos de sociedade. Incluo-me entre estas feministas.

Nesse movimento, a proposição para pensar o feminismo negro no Brasil é operar, portanto, com categorias analíticas alinhadas com as concepções teóricas da “tradição de pensamento de

⁴ Para aprofundar a discussão acerca da crítica das feministas latinas ver: Mendoza (2010); Navaz e Hernández (2008); Ochy Curiel, Jules Falquet e Sabine Masson (2005); María Lugones (2008).



*mujeres de color*⁵” (Lugones, 2008, p. 73) e, neste movimento, ainda se faz importante trabalhar com categorias analíticas instáveis, como sugere Sandra Harding (1993, p. 11), visando “usar as próprias instabilidades como recurso de pensamento e prática”. Adotar uma postura crítica diante de explicações generalizantes sobre mulheres, questionando o emprego de categorias fundadas em experiências distantes da realidade das mulheres negras para explicar fenômenos sociais que lhe dizem respeito, pode revelar áreas inexploradas ou pouco valorizadas da experiência feminina negra.

De que feminismo falamos?

*Foi preciso um trabalho para enegrecer o feminismo
e feminizar o movimento negro.
Mas não foi um processo tranquilo, não foi um processo fácil
nem de um lado nem de outro.
Nem dentro do movimento feminista e
nem dentro do próprio movimento de mulheres negras,
era muito..., era sempre tensionado dos dois lados, sempre tensionado
(Nilza Iraci)⁶.*

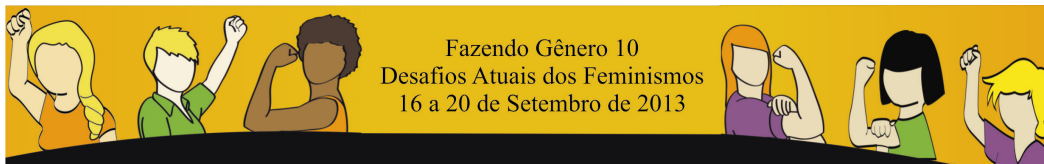
A aproximação do movimento de mulheres negras com o feminismo foi permeada, inicialmente, pelo conflito e pela definição, rotulado, muitas vezes, de “coisa” de mulher branca, exigiu estranhamento e reflexão. Quando Nilza Iraci, no depoimento em epígrafe, cita os desencontros entre o movimento de mulheres negras e o feminismo, ela retoma o debate que marcou a trajetória de formação do diálogo entre os movimentos de mulheres negras e brancas com o feminismo no Brasil, enquanto concepção teórica e política. Diálogo que produziu, inicialmente, concepções distintas acerca do feminismo para cada um dos dois movimentos. Para as ativistas negras feministas a precisão e a apropriação política do conceito feminismo, agregando-se novos aportes ao processo de elaboração teórica e prática, se faziam necessárias, visando à produção de uma proposta mais radical para o enfrentamento dos efeitos perversos produzidos pelo racismo interseccionado com o sexismo e com classe para as mulheres negras.

Marta Andrade⁷, uma das entrevistadas, recupera em seu depoimento os sentimentos que permeavam o debate em seu início:

⁵ Segundo a autora, o termo significa uma coalizão orgânica entre mulheres mestiças, indígenas, negras, mexicanas, enfim, toda a trama complexa daquelas vitimadas pelo colonialismo.

⁶ Nilza Iraci Silva, entrevista realizada em 19 de novembro de 2009.

⁷ Marta Maria Andrade, entrevista realizada em 28 de novembro de 2009.



– *Tinha uma discussão de que naquele momento as mulheres feministas eram taxadas de brancas. E eram mesmo, brancas, louras, sociólogas, antropólogas, “doutorólogas”, cabelo vermelho. As “ólogas” todas eram as mulheres brancas.*

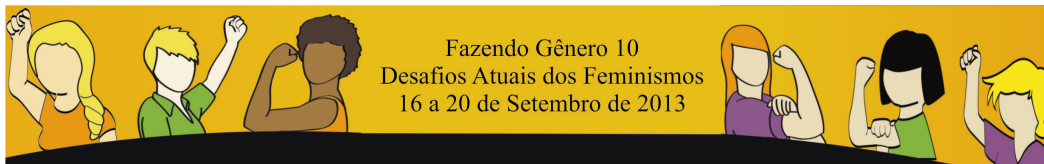
A ideia, prenhe de preconceitos, opera com estereótipos construídos pela sociedade acerca do feminismo como reduzido a estilo de vida. Para Matilde Ribeiro, essa ideia pode ser explicada pela prática do próprio movimento feminista brasileiro, em seu início, isto é, em suas dificuldades por um lado “de lidar com a diversidade existente entre as mulheres” e por outro “de ter uma visão mais ampla dos processos organizativos”. Esta visão limitada “veio a reforçar a imagem da feminista como branca, de classe média, intelectualizada” (1998, p. 196).

Através do texto, “A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social”, de autoria de Lélia Gonzalez (1988a), somos apresentadas(os) ao debate posto na época. No artigo, a autora avalia a inadequação, para nós mulheres negras, de certo feminismo que toma como princípio as experiências das mulheres brancas. Ela elabora sua crítica tendo como referência o cenário oferecido pelo I Encontro Nacional de Mulheres Negras, ocorrido em Valença em 1988, no qual o tema feminismo ‘veio à tona’. Entender o contexto é importante, na medida em que a identidade feminista negra se constrói como alternativa ao sujeito do feminismo hegemônico. A crítica de Gonzalez aponta para o equívoco de balizarmos a história das mulheres negras por visões eurocêntricas, em especial pelas ideias do feminismo radical. Diz:

Fechado em si mesmo pela identificação imaginária que o fundamenta, seus critérios são os de reprodução especular (e haja espelho nesta estória), caracterizados pelo sexismo extremado. Como lhe falta o impulso necessário para atingir o simbólico, ele não consegue apreender o real ou, como se diz, *cair na real*. Daí a grande distância que o separa da realidade vivida por milhões de mulheres negras deste país e a sua grande proximidade do modelo ariano de explicação (cujo elemento de sustentação é justamente o racismo) (GONZALEZ, 1988a, p. 2, grifo da autora).

Lélia Gonzalez crítica o que chama de visão estreita da realidade de mulheres e homens negros presente na defesa de um feminismo que tem nas desigualdades de gênero sua tônica, por considerar gênero elemento essencial, norteador de suas aspirações, desconsiderando que as relações de poder são constituídas por outros determinantes como raça e classe. Assim, para a autora:

[Esse] tipo de afirmação caracteriza toda uma tradição ideológica não só profundamente deformadora, bem como extremamente dicotômica: a do macho opressor *versus* a fêmea oprimida. A dialética não tem lugar neste tipo de perspectiva. Em consequência, a opressão racial e a exploração de classe ficam devidamente *esquecidas* nos porões de uma sociedade cujos sistemas de classificação social e econômico fazem da mulher negra o foco, por excelência, de sua perversão. *Esquecer* isso é negar toda uma história feita de resistência e de lutas, em que essa mulher tem sido protagonista, graças à dinâmica de uma memória cultural ancestral (que nada tem a ver com o eurocentrismo



desse tipo de feminismo). *Esquecer* isso significa não querer ver todo um processo de expropriação que as classes dominantes *brancas* têm exercido contra mulheres e homens negros deste país (GONZALEZ, 1988a, p. 2, grifos da autora).

Segundo Sueli Carneiro, a crítica de Lélia Gonzalez ao feminismo se fundamentava na inadequação do mesmo para compreender a especificidade e a contradição de ser mulher negra na sociedade brasileira. Ou seja, afirma a autora,

de como isso era uma identidade política específica, que nos colocava em rota de colisão, por exemplo, com o feminismo, sob determinados aspectos, na medida em que ele, ao não incorporar a dimensão racial na problemática de gênero, não reconhecia o papel que a racialidade cumpria nas desigualdades entre as mulheres. (CARNEIRO apud ALBERTI, PEREIRA, 2007, p. 183).

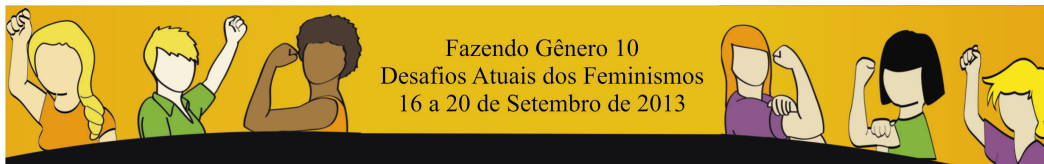
Lélia Gonzalez defende um feminismo marcado pela especificidade, diante disso, diz: “o feminismo negro possui sua diferença específica em face do ocidental: [a diferença dada pela] solidariedade, fundada numa experiência histórica comum” (1984, p. 3). A solidariedade de que nos fala é a base da luta das mulheres negras, desde o período escravista até os dias atuais, das diversas formas de organização que, nem sempre, se acomodaram aos moldes formais, mas que sempre foram constantes e que se constituíram em resistência aos processos de dominação patriarcais, uma solidariedade historicamente construída, a partir de embates e estratégias de sobrevivência na diáspora, nas sociedades pós-coloniais marcadas pelo racismo, uma solidariedade que dá corpo aos Movimentos de Mulheres Negras no Brasil e inspira a perspectiva feminista das ativistas negras autodeclaradas feministas, como passo a mostrar.

Feministas negras, sim

Diante do entendimento de que o feminismo hegemônico, na condição de proposta política de empoderamento, não atendia/atende às necessidades das mulheres negras, a rejeição de definições estranhas às experiências das mulheres negras e a defesa da autodefinição transformam-se em ações desenvolvidas por ativistas negras para enfraquecer a prática de promoção de nossa invisibilidade forçada pelo racismo. Ativistas essas que buscavam discutir o feminismo e incorporar suas ideias no trabalho pela emancipação das mulheres negras. Kátia de Melo⁸, ativista negra de Salvador, por exemplo, orientando-se por essa perspectiva, explica o contexto local.

– *O movimento de mulheres negras dentro do feminismo se dá a partir das entidades negras, onde começam as discussões e onde a gente começa a fazer essa ponte com o feminismo*

⁸ Kátia de Melo, entrevista realizada em 19 de novembro de 2009.



dito branco. Essa articulação se deu durante muito tempo de uma forma interessante, construtiva, mas, depois de um tempo, começou também um questionamento. Se a gente deveria continuar com as brancas também ou se deveríamos ter a nossa organização em separado. Porque a gente achava que as discussões do movimento feminista branco não nos contemplavam. Tinha uma questão de pano de fundo da questão racial que era muito mais forte, muito mais iminente que o movimento feminista em si, por suas teses, com toda a sua elaboração, não dava conta.

A atração pela concepção feminista de empoderamento das mulheres oferecida pelo feminismo hegemônico encontrava, portanto, na teoria e na prática obstáculos para contemplar as mulheres negras. Assim, o feminismo é entendido como um “movimento” extrínseco ao movimento de mulheres negras e a sua inadequação começa a ser questionada e enfrentada. Como se percebe no depoimento de Kátia de Melo:

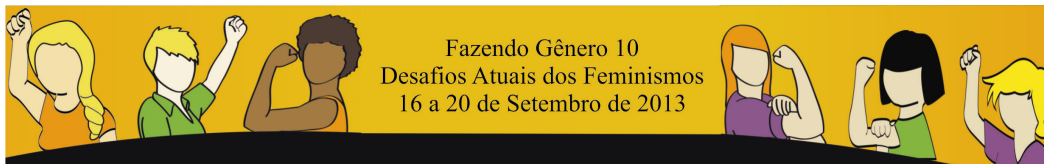
– A gente sentia essa necessidade de aprofundar mais, de ter uma organização que contemplasse, que desse conta das nossas reivindicações. Que era a questão da tripla discriminação: mulher, negra e pobre. A gente via que essa questão quando trabalhada dentro do feminismo branco era diluída. Ela não ficava como ponto de pauta principal.

Ainda em relação ao contato inicial de mulheres negras com discussões feministas, apresento o depoimento de Marta Andrade. Na verdade, o relato da ativista é bastante enriquecedor, pois ilustra a forma como o feminismo, enquanto concepção de enfrentamento do sexismo e da ideologia patriarcal, foi elaborado por muitos grupos do movimento de mulheres negras. Acerca das discussões iniciais realizadas no início de Mãe Andressa, grupo de mulheres negras do qual participava em São Luis no Maranhão, diz:

– A gente até discutia sobre feminismo, mas eu acho [que] Mãe Andressa não se preocupou no início dessa questão do feminismo, se nós éramos feministas ou não. Mas de você estar discutindo mais as relações internas, as nossas necessidades enquanto mulheres negras, pobres, totalmente discriminadas. Eu acho que a gente se centrava mais nessa discussão... A maioria das meninas, nós éramos filhas de empregadas domésticas, todas, quase, a maioria dessas meninas... filhas de periferia. No nosso meio, nós não tínhamos... nenhuma das meninas negras nasceu em berço de ouro. Não, foi tudo construído muito ali. Então, eu acho que feminista por isso, porque você não pode perder de vista a questão do feminino dessa construção, mas eu acho que não era o mote da questão. A questão maior é você estar bem, você reunir e entender essas questões. Porque a gente não pode isso? Porque a gente não tem aquilo? Então eu acho que isso era o que pulsava mais na gente, realmente essa questão das relações.

As integrantes do grupo recorriam a reuniões e oficinas de sensibilização para abordar assuntos de interesse das mulheres participantes das atividades. Quanto ao grupo Mãe Andressa, continua Marta:

– Foi importante, fundamental, porque aí ele começa a reunir várias jovens também. As meninas da periferia vêm e começa a ser trabalhada a questão de que é necessário você cuidar do



corpo. Naquela época a gente trabalhava muito essa coisa de cuidar do corpo, cuidar da menstruação, do fazer exame do seio. A gente fazia muitas dessas oficinas.

As *relações internas*, destacadas por Marta, se referem ao lugar no gênero reconfigurado por raça e classe, ocupado pelas mulheres negras. A especificidade de ser mulher negra, na verdade, se traduz pelo lugar construído pela intersecção dos eixos de poder. Sua fala segue ao encontro das posições anteriormente citadas que enfatizam a inadequação de um discurso feminista alheio a esta realidade.

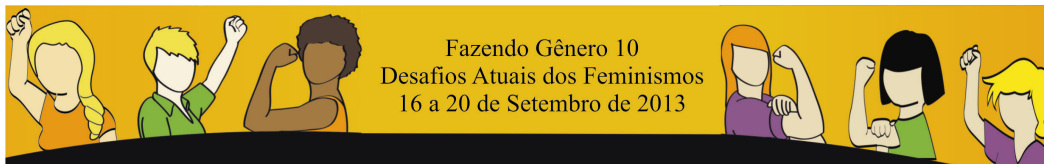
Marta recupera, ainda em seu depoimento, um elemento importante: a forma de trabalho desenvolvida pela grande maioria dos grupos e instituições de movimentos de mulheres, as chamadas oficinas de sensibilização e discussão, as quais têm por objetivo tratar temas que contribuam para a formação, reflexão e intervenção política do coletivo. A metodologia geralmente explora as experiências do grupo, partindo das vivências aportadas pelas participantes, ou seja, a abordagem tem como origem a perspectiva do grupo. A diferença reside nas experiências que alimentam as reflexões, no caso, as de mulheres negras, pobres em sua maioria.

Portanto, como ressaltou Marta, as reflexões oportunizadas pelas oficinas produziram interpretações acerca de uma realidade vivenciada por aquele contingente de mulheres, interpretações que subsidiaram a construção de um ponto de vista próprio, possibilitando ao grupo refutar concepções que pouco acrescentavam, pois eram elaboradas a partir de referenciais e experiências estranhas àquelas mulheres. Neste movimento, um ponto de vista é decorrente das subjetividades conformadas pelo modo como os sujeitos são interpelados pela vida ou, em outras palavras, pela forma como gênero, raça/etnia, classe, sexualidade, religião, por exemplo, são vividos.

O depoimento de Sônia Cleide⁹, outra ativista entrevistada, também recupera seus primeiros contatos com concepções feministas, ressaltando quanto a discussão inicial era limitada, pois a mediação, a cargo de grupos formados por feministas brancas impedia o aprofundamento do debate em torno das experiências de Sônia e de outras companheiras negras. Em outras palavras, o relato de Sônia Cleide identifica o material produzido para reflexão do debate feminista como impróprio, como dito anteriormente, isto é, as experiências exclusivas das mulheres brancas que alimentavam as discussões feministas. Diz a ativista:

– Então, lá em Goiás, ainda não existia nenhum grupo de mulheres negras: o Malunga foi o primeiro, em 1999, a se constituir e com outro viés. A gente falava: nós somos mulheres negras feministas. Porque a gente tinha umas quatro que já tinham discurso, participavam do Fórum de

⁹ Sônia Cleide F. da Silva, entrevista realizada em 17 de março de 2011.



Mulheres, que era um fórum de mulheres onde tinha a maioria branca, mas a gente tinha todo um discurso de feminismo e tudo. A gente tinha também aquele discurso de que a gente não era contemplada dentro do Fórum, até que a gente conseguiu ir para o Encontro da AMB, Articulação de Mulheres Brasileiras que aconteceu em... em João Pessoa. Foi o primeiro encontro feminista que eu e mais duas companheiras nossas participamos. E de lá, a gente teve uma reunião sobre a Conferência de Durban e a gente voltou bem mais fortalecida, foi quando veio a Articulação de Mulheres Negras e nisso deu um pulo. A gente conseguiu levar a discussão, ter material, ter coisas mais concretas para discutir. A gente discute com as associações de mulheres lá de Goiânia, de seis bairros. A gente trabalhava com elas e com as mulheres quilombolas.

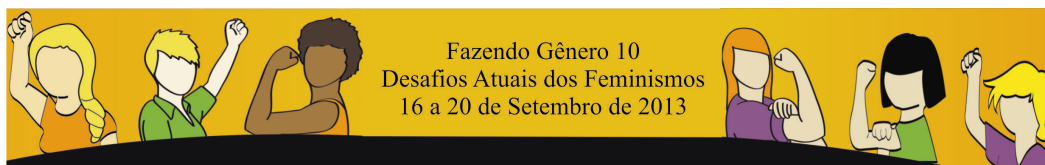
A necessidade apresentada por Sônia Cleide era de poder entender e explicar o seu processo de opressão/dominação e o das companheiras de grupo, tendo a sua concretude assegurada pela compreensão da dor vivida e pela corporificação através da nomeação da *dor do racismo*. Com isto, o debate feminista ganha múltiplos significados uma vez que parte de diferentes realidades.

As propostas e saberes das mulheres negras e pobres, bem como as experiências das mulheres negras foram subestimadas nos grupos feministas hegemônicos, porque nestes grupos eram as mulheres brancas que legitimavam o processo. As mulheres negras, as trabalhadoras, as brancas pobres não foram vistas e aceitas como iguais, tampouco suas experiências de enfrentamento do sexismo foram respeitadas.

No movimento de elaboração teórica e política de uma perspectiva feminista e de sua importância como instrumento para a transformação das sociedades, surge uma compreensão construída coletivamente, fruto da participação no movimento de mulheres negras, pois será neste espaço que a identidade política do sujeito *mulheres negras* será elaborada e fortalecida, permitindo que a própria concepção de feminismo seja redefinida a partir deste lugar, além da afirmação de uma identidade feminista. Nesta orientação, destaco a título de exemplificação, o depoimento de Nilza Iraci, ativista negra feminista, integrante de Geledés – Instituto da Mulher Negra.

– O feminismo muda a minha vida. O Geledés contribuiu para que eu viva esse feminismo de maneira muito mais confortável. Onde eu possa me expressar enquanto negra. Porque eu vivia um desconforto muito grande de ser uma negra dentro do feminismo, de uma organização branca.

A identidade feminista negra é constituída, então, a partir do entendimento comum de que o racismo é crucial na estruturação de nossa opressão, enquanto mulheres negras, no Brasil, e que raça constitui um eixo de poder organizador da opressão de gênero. Sendo fundamental, para isso, tomar as experiências vividas com os processos de opressão para investigar as próprias opressões, ou seja, aprender a identificar, nas experiências cotidianas, os ensinamentos de práticas de resistência desenvolvidas para enfrentar o racismo, o sexismo e as relações patriarcais, e a



heteronormatividade. Aprender a transformar as experiências em lentes para olhar e interpretar o mundo.

Assim sendo, todos os depoimentos até aqui apresentados questionaram uma determinada concepção feminista hegemônica, classe média, porém as falas apontaram também para outra perspectiva, essa oportunizada por uma trajetória constante e histórica de autodefinição, imprimindo nos movimentos de mulheres a compreensão da impossibilidade de separação de raça/etnia da dimensão de gênero, um entendimento com capacidade de qualificar o trabalho político.

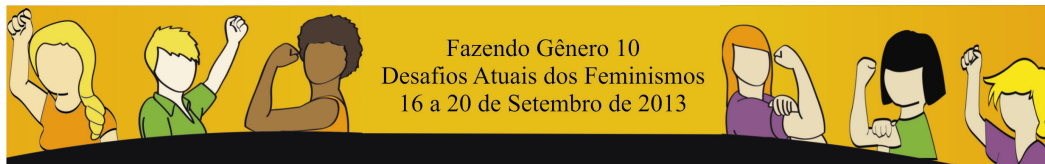
Finalizando

O *desconforto* pelo qual passaram as ativistas negras com o feminismo é partilhado, ainda hoje, por muitas mulheres, negras em sua maioria, mas também brancas pobres, indígenas, lésbicas. A forma como o movimento feminista hegemônico construiu determinada perspectiva, tentando fazer dela uma história única do feminismo no Brasil, impossibilita a identificação de mulheres que não são à imagem e semelhança do que foi planejado para ser projetado. Falta à perspectiva, a diversidade para refletir imagens de outras histórias, como tem sido questionado por outras mulheres, entre elas, mulheres negras.

Entendo que a resistência de muitas integrantes dos movimentos de mulheres negras em assumir uma identidade feminista pode estar, certamente, na inadequação de determinada perspectiva feminista construída à luz de experiências singulares para dar conta da multiplicidade de experiências das mulheres. Isso pode explicar o fato de várias mulheres enfrentarem o sexismo, combaterem as relações patriarcais através de produção teórica, de intervenções políticas, no entanto, recusarem abrigo na categoria *feministas*, pois a categoria carrega o peso de uma história única impossível de ser absorvida e, assim, ela exclui mais do que permite a identificação.

Contudo, não se pode generalizar e jogar tudo na conta do *feminismo*, pois se trata de diferentes posicionamentos e práticas emitidos por diferentes grupos, constituindo, até, teorias, mas não são “o” feminismo. Assim, a oposição ao feminismo se efetiva contra as práticas de diferentes grupos, muitas vezes, absorvidas por nós, as “outras” do feminismo não hegemônico, como sendo “o” próprio feminismo, apesar de toda a crítica que realizamos à hegemonia teórica e política protagonizada pelo feminismo hegemônico.

As ativistas feministas dos movimentos de mulheres negras não se furtaram a tecer respostas nem se paralisaram diante de discursos prontos, pelo contrário, anunciaram um caminho alternativo construído a partir de outros referenciais. Como procurei mostrar até aqui, as “outras” do feminismo



recusam definições extemporâneas as suas próprias experiências, transformando o “desconforto” em ponto de vista. Aprender, portanto, a olhar as histórias vividas por mulheres negras e das classes trabalhadoras, que sempre encontraram formas de lidar com as adversidades, é fecundo para a produção de teorias libertárias feministas, pois aprendemos com os encaminhamentos e resoluções de problemas pelas mulheres em seu cotidiano.

Referências

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araújo. (Orgs.). *História do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007.

AMOS, Valerie; PARMAR, Pratibha. Challenging imperial feminism. In: MANY VOICES, ONE CHANT: Black Feminist Perspectives. *Feminist Review*, n. 17, jul. 1984. p. 3-19. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1395006>>. Acesso em: 27 jul. 2009.

ANZALDÚA, Gloria E. *This bridge called my back: writings by radical women of color*. New York: Kitchen Table Press, 1981.

COLLINS, Patricia Hill. *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. New York/London: Routledge, 2000.

CURIEL, Ochy; FALQUET, Jules; MASSON, Sabine. Feminismos disidentes en América Latina y el Caribe. *Nouvelles Questions Féministes*, v. 24, n. 2, 2005. Edición especial en castellano.

GONZALEZ, Lélia. The black woman's place in the Brazilian society. In: *National Conference, African-American Political, Caucus/Morgan State University*, Baltimore, 1984. Disponível em: <<http://www.leliagonzalez.Org.br>>. Acesso em: 20 dez. 2008.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. *Revista Isis Internacional*, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.

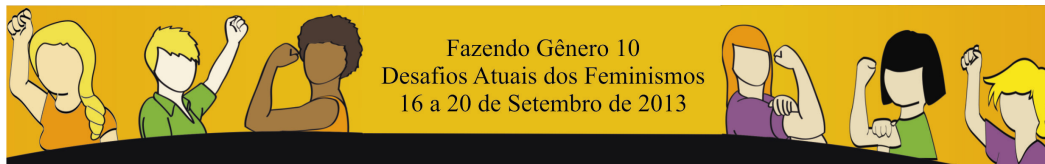
GONZALEZ, Lélia. A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social. *Raça e Classe*, Brasília, ano 2, n. 5, p. 2, nov./dez. 1988a.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *Revista Estudos Feministas*, n. 1, p. 7-32, 1993.

HOOKS, bell. *Feminist theory: from margin to center*. Boston: South End Press, 1984.

LUGONES, María. Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, Bogotá, Colombia, n. 9, p. 73-101, jul./dic. 2008. Disponível em: <http://www.revistatabularasa.org/numero_nueve/05lugones.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2010.

MENDOZA, Brenny. La epistemología del sur, la colonialidad del género y el feminismo latinoamericano. In: MIÑOSO, Yuderkys Espinosa (Coord.). *Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latinoamericano*. Buenos Aires: En la Frontera, 2010. p. 19-36.



MOHANTY, Chandra Talpade. Bajo los ojos de Occidente: academia feminista y discursos coloniales. In: NAVAZ, Liliana Suarez; HERNÁNDEZ, Rosalva Aída (Ed.). *Descolonizando el feminismo: teorías y prácticas desde los márgenes*. Madrid: Cátedra, Universitat de València, Instituto de La Mujer, 2008. p. 117-163.

NAVAZ, Liliana Suárez; HERNÁNDEZ, Rosalva Aída (Ed.). *Descolonizando el feminismo: teorías y prácticas desde los márgenes*. Madrid: Cátedra; Universitat de València, Instituto de La Mujer, 2008.

RIBEIRO, Matilde. Antigas personagens, novas cenas: mulheres negras e participação política. In: BORBA, Angela; GODINHO, Tatau; FARIA, Nalu. (Orgs.). *Mulher e política: gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998. p. 189-209.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. Tradução Beatriz Turquettju et al. In: KIZERBO, Joseph (Org.). *História Geral da África*. São Paulo: Ática, 1982. Cap. 7, p. 139-166.

WERNECK, Jurema. Gênero, raça e interseccionalidade. In: ARTICULAÇÃO DE MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS – AMNB. *Construindo a equidade: estratégia para implementação de políticas públicas para a superação das desigualdades de gênero e raça para as mulheres negras*. Rio de Janeiro: UNIFEM, 2007. p. 1-3.

Construction of black feminist identity: experiences of black Brazilian women

Abstract: This article constructed from interviews with black Brazilian activists aims to present the elements operationalized by activists identified as feminists in building a black feminist identity. Despite the focus of several factors on individual trajectories defining for the construction of themselves as political subjects, the interviewees bring experiences with common challenges imposed on black women as fundamental to identify with feminism. The walk towards the awareness of gender oppression was promoted by the understanding of racism and racial discrimination as determinants for the exclusion of black women, the participation in the movements of black women and the political confrontation with the hegemonic feminism, which are criticism.

Keywords: Black women. Black feminist identity. Black feminism.